

As emissoras educativas e o compromisso do jornalista

Luciano Maluly⁷¹

Ao sintonizar uma emissora educativa no Brasil, como as universitárias ou a Rádio Nacional, o ouvinte tem a possibilidade de vivenciar algumas experiências que, geralmente, não se enquadrariam na programação habitual das emissoras comerciais. Muitas vezes, essas iniciativas são conduzidas por comunicadores dispostos a levar ao público, um modelo diferenciado da atual grade composta por notícias e músicas, que são similares em termos de formato e conteúdo.

O tempo é um dos principais fatores que diferenciam as emissoras educativas. Um programa *Especial* elaborado por um grupo de estudantes, colaboradores ou mesmo por profissionais da emissora, independentemente da duração, poderá ser transmitido na programação das rádios educativas, ao contrário do que acontece nas rádios comerciais, que têm horários compromissados com os anunciantes e com a rotina jornalística. Sendo assim, a flexibilidade da grade é fundamental para a realização e transmissão de projetos específicos que fogem do padrão tradicional.

O segundo fator é o compromisso com o enfoque cultural-educativo⁷², sendo necessária uma atenção especial para com o conteúdo a ser transmitido. Os diversos produtos são escolhidos de acordo com a proposta da emissora. Um exemplo é a programação musical em que as informações adicionais (história, compositor, intérprete, entre outras) são emitidas com o objetivo de contextualizar a canção. Assim, as músicas servem como referência e contato do ouvinte com o processo de criação artística. O mesmo recurso é utilizado no radiojornalismo, quando a matéria é ampliada, com a intenção de facilitar a interpretação da notícia.

Assim, este artigo apresenta determinadas experiências radiojornalísticas realizadas em emissoras educativas (e públicas), em que a pauta foi amplamente explorada pelos comunicadores. Os casos estudados

⁷¹ Professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)

⁷² <http://www.mc.gov.br/radiodifusao-educativa>

foram da Rádio Nacional (96,1 MHz) FM de Brasília, ligada à EBC (Empresa Brasil de Comunicação)⁷³, e da Rádio UNESP FM (105,7 MHz) de Bauru (SP)⁷⁴, vinculada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho (UNESP), sendo que o diferencial foi a preocupação dos responsáveis no entendimento da notícia. O essencial desta análise é demonstrar que o comprometimento dos jornalistas foi fundamental para o resultado do programa ou matérias e, por si, à construção e assimilação do conteúdo.

Canções da Resistência & A América Latina e o Golpe de 64 no Brasil

O primeiro caso a ser apresentado é do Especial *Canções da Resistência*⁷⁵, produzido pela jornalista Beatriz Buschel Pasqualino (reportagem, produção e roteiro), da Radioagência Nacional – veículo da EBC (Empresa Brasil de Comunicação). Trata-se de uma produção em parceria com Messias Melo (sonoplastia), Camila Maciel e Joana Côrtes (apoio), e Juliana César Nunes (coordenação) e que foi transmitida no dia 30 de março de 2014, às 15 horas, pela Rádio Nacional FM de Brasília.

O programa teve duração de uma hora, com a jornalista tendo entrevistado 17 pessoas, sendo 15 militantes e dois filhos de militantes da resistência à ditadura militar. Entre as fontes, estão Rose Nogueira, Aton Fon Filho e Maria Amélia Teles. Os entrevistados indicavam e comentavam sobre as músicas que os influenciaram durante o período de luta contra o Regime Militar. O programa intercalava a locução, com depoimentos e músicas na íntegra, sendo muitas cantadas pelos militantes em alguns trechos. A pauta foi pensada em decorrência dos 50 anos do Golpe Militar de 1964, fato que influenciou diretamente a sociedade brasileira. Posteriormente, a produção foi replicada em 10 *spots*, com as mesmas fontes do programa de uma hora. O objetivo foi ampliar a possibilidade de veiculação do conteúdo em emissoras da EBC, além de comunitárias e educativas (já que os áudios foram disponibilizados gratuitamente para *download* e veiculação).

⁷³ <http://www.ebc.com.br/> Acesso em 26 de março de 2015

⁷⁴ <http://www.radio.unesp.br/> Acesso em 25 de março de 2015

⁷⁵ <http://www.ebc.com.br/cancoes-da-resistencia> Acesso em 10 de fevereiro de 2014

<https://soundcloud.com/radioagencianacional/can-es-da-resist-ncia-especial> Acesso em 10 de fevereiro de 2014

Já o radiodocumentário *A América Latina e o Golpe de 64 no Brasil*⁷⁶ foi o vencedor do Prêmio Líbero Badaró de Jornalismo, em 2014, na Categoria Radiojornalismo.⁷⁷ A produção também foi realizada por Beatriz Buschel Pasqualino (reportagem, edição e roteiro) em parceira com Priscila Resende (sonoplastia) e Juliana César Nunes (coordenação). A produção de 14'33" traz uma retrospectiva sobre o impacto que a derrubada do então presidente João Goulart teve para os países da América Latina, bem como para o ciclo militar na região. Com depoimentos do sociólogo Emir Sader, do economista paraguaio Gustavo Codas, da jornalista uruguaia Beatriz Bíssio, do ex-guerrilheiro cubano Angel Fernández Villa, da filha de exilados Micaela Neiva Moreira e dos historiadores argentinos Osvaldo Coggiola e Guillermo Almeyra foram entrevistados, a matéria é elaborada de forma simples e educativa, com a base de *offs* e sonoras e ilustração por meio de músicas relacionadas ao tema.

Os exemplos dos programas *Canções da Resistência* e *A América Latina e o Golpe de 64 no Brasil* trazem algumas reflexões sobre a produção e, por conseguinte, o conteúdo das emissoras educativas. No primeiro momento, as produções foram realizadas por uma comunicadora (Beatriz Buschel Pasqualino) engajada com os movimentos sociais que, além da formação em comunicação social, com habilitação em jornalismo e em Ciências Sociais, também é pesquisadora, fazendo mestrado em Sociologia na Unicamp (Universidade de Campinas), onde realiza a pesquisa *Revolução no ar: o rádio como arma de guerrilha do Exército Rebelde de Cuba*.

A ligação com o tema auxiliou a jornalista no desenvolvimento do trabalho das reportagens, sendo determinante o trabalho de pesquisa. Neste ponto é que o profissional de uma emissora educativa precisa se diferenciar dos demais. Uma música ou uma notícia não são apenas transmitidas de maneira aleatória e/ou superficial, mas sim com profundidade. O objetivo não é apenas informar, mas também possibilitar a formação do ouvinte por meio da educação e da cultura.

⁷⁶ <http://radioagencianacional.ebc.com.br/internacional/audio/2014-04/especial-mostraditadura-no-brasil-pelo-olhar-de-latino-americanos> Acesso em 12 de fevereiro de 2014

⁷⁷ <http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/radioagencia-Nacional-ganha-premio-libero-badaro-de-jornalismo> Acesso em 12 de fevereiro de 2014

A extensão integra o trabalho do jornalista vinculado à emissora educativa. Espera-se desse profissional ir além da produção de matérias e programas. Desta forma, torna-se fundamental ensinar os caminhos da reportagem, por meio de intervenções (palestras, workshops, entre outros) em espaços como universidades e rádios comunitárias. Foi assim que Pasqualino esteve na Universidade de São Paulo, em 11 de abril de 2014, para relatar aos alunos do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, a experiência na produção de programas especiais no rádio, tema do encontro promovido na Escola de Comunicações e Artes⁷⁸. Na ocasião, a jornalista assim se pronunciou diante da pauta e da oportunidade de um trabalho radiojornalístico diferenciado nas emissoras educativas: “Na questão dos *Especiais* - um formato que é permitido ousar - vale a pena correr um risco, porque você tem um gancho, ou seja, situações que as pessoas gostariam de ouvir, mas não encontram nas emissoras comerciais”.

Ciência em Debate & Unesp Ciência

Algumas áreas, como a *Educação* e a *Ciência & Tecnologia*, nem sempre merecem a atenção devida nas principais emissoras comerciais, tanto do rádio quanto da TV. Quando possuem algum espaço, a linha editorial privilegia assuntos relacionados, por exemplo, à inovação ou ao acesso à educação, com destaque para o vestibular. O desafio é encontrar propostas que desafiem o atual modelo, não em termos de formato, mas sim de conteúdo.

De 1996 a 1999, a Rádio UNESP FM⁷⁹ transmitiu o programa *Ciência em Debate*, com o objetivo de apresentar ao ouvinte as pesquisas realizadas na própria Unesp, em institutos e outras universidades brasileiras. Durante uma hora, o professor Ricardo Alexino Ferreira conversava com os pesquisadores sobre a importância das pesquisas realizadas, visando divulgar e aproximar o ouvinte da produção científica acadêmica. O formato do programa envolvia entrevista intercalada por música. Segundo o professor, o entrevistado escolhia a trilha musical que poderia estar associada ao tema da

⁷⁸ <http://www.usp.br/cje/tv/> Acesso em 24 de março de 2015

⁷⁹ www.radio.unesp.br

entrevista, ou pelo gosto pessoal do entrevistado. “A estratégia consistia em, através da música, buscar humanização do pesquisador/cientista e também para dar um *break*, evitando que o programa ficasse fastidioso”⁸⁰, ressalta. Dois anos depois, Ferreira retornou com uma nova produção, o *Unesp-Ciência*, um programa de entrevista em torno de 20 minutos, que ficou no ar de 2001 a 2008⁸¹.

As iniciativas devem-se, em parte, ao trabalho de um apaixonado pelo jornalismo e pela ciência. Formado em Jornalismo, com mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, onde leciona atualmente⁸², Ricardo Alexino Ferreira - na época docente do curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, na Universidade Estadual Paulista (UNESP) - convidava os pesquisadores da instituição e também profissionais de diversas áreas que ali visitavam, para uma conversa na emissora. A base dessa experiência está descrita no artigo *Ciência em Debate – o jornalismo científico nas ondas do Rádio* (FERREIRA, 1999), em que se discute, além da divulgação científica, o trabalho do jornalista:

Na verdade, tenho consciência de que o produto jornalístico voltado para ciência não vai deferir dos demais. É ilusão achar que o jornalismo sobre ciência tem de estar em níveis de superioridade em relação aos demais profissionais de imprensa. O que se exige desse profissional é responsabilidade social e rigor na apuração dos dados, além de preparo para lidar com o tipo de informação diferenciada que deve disponibilizar ao público. Estes requisitos, no entanto, não são exclusividade do jornalista que cobre ciência, mas devem ser imprescindíveis para qualquer jornalista, de qualquer área (FERREIRA, 1999, p. 86).

Reflexões em torno das emissoras educativas

Nesse ponto, a condição da pauta precisa ser discutida. As emissoras comerciais preferem cumprir a agenda, cedendo pouco espaço para os assuntos cotidianos, como ciência, educação, higiene, meio ambiente, saúde,

⁸⁰ Entrevista realizada em 30 de março de 2015.

⁸¹ <http://radioteca.net/audio/5-unesp-ciencia-radio-unesp-bauru/> Acesso em 27 de março de 2015

⁸² Além de professor do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP, Ricardo Alexino Ferreira comanda, na Rádio USP 93,7 FM, o programa de Entrevista *Diversidade em Ciência*, que aborda questões sociais, étnicas, de gênero e orientações sexuais. Informações pelo www.radio.usp.br Acesso em 20 de julho de 2015.

segurança pública e mesmo para temas de relevância social, como a tortura, a censura e assim por diante. Por isso, a música do momento ou o último furo do noticiário são veiculados na programação, com uma guerra constante entre os concorrentes. Apesar de algumas rádios educativas tentarem seguir o mesmo modelo, a maioria busca uma alternativa, com o planejamento elaborado dos programas especiais.

O jornalismo nas emissoras educativas é traduzido por privilegiar o tratamento das notícias, com a linha editorial sendo determinada por assuntos de interesse público e cidadania (MORAES JÚNIOR, 2013). Neste caso, as produções escolhidas são complexas (como as reportagens e os debates) e requisitam alguns fatores, entre eles, o trabalho de campo, a pesquisa e a análise.

Já as músicas são escolhidas por programadores que, além das questões observadas no jornalismo, possibilitam o aprendizado por meio da música. O contexto da produção artística referente à obra e ao autor é determinante para a escolha do momento da transmissão, se durante um programa especializado ou diversificado. Com isso, é possível emitir detalhes que servirão como *link* para a integração do ouvinte. Ao estudar a programação das rádios públicas brasileiras, a professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Valci Regina Mousquer Zuculoto, revela algumas características das quais se insere a maioria das emissoras educativas:

Neste modelo, os principais requisitos atribuem às emissoras públicas a necessidade de, muito mais que as outras rádios, exercem na programação, um verdadeiro encontro, uma integração entre os conteúdos e as suas audiências. Isso por meio de programas voltados ao interesse público, sendo este estendido como levar ao público os conteúdos essenciais para que ele exerça sua cidadania e possa influenciar as políticas. Ou seja, as programações destas emissoras precisam realmente traduzir as necessidades da população e estimular o exercício cidadão do sue público (ZUCULOTO, 2012, p. 234).

Como observado, o jornalismo e a música estabelecem um tradicional eixo para o conteúdo veiculado pelas rádios educativas. Contudo, programas de profundidade diferem o conteúdo educativo-cultural, sendo fundamental que os profissionais sigam um planejamento que permita a inserção de detalhes,

como arquivos, depoimentos e informações adicionais, entre outros, que auxiliarão o receptor na interpretação da notícia. Mesmo a publicidade, quando permitida pelo apoio cultural, merece um acabamento diferenciado, como observado nos *jingles*. Ou seja, a viabilidade dessas produções estabelecerá uma diferenciação, ou mesmo poderão servir de modelo para as outras modalidades, como as comunitárias e, principalmente, as comerciais.

Outro ponto a ser discutido está na mensagem. Uma rádio que proponha debater de forma ampla as questões do cotidiano possui um diferencial diante dos meios de comunicação, que se ocupam apenas com a retransmissão pura e simples dos fatos. Diante da linha editorial, esta discussão depende da construção de uma mentalidade justa e, assim, da ética de seus comandantes, em particular os editores.

Uma emissora educativa procura vincular o seu conteúdo ao conhecimento, revelando o universo do desconhecido, ou mais, transforma o privado em público. Desta forma, é possível ao especialista transmitir, e ao mesmo tempo ensinar, os pormenores de sua área (o músico e a canção, por exemplo) e, ainda, ao jornalista relatar os acontecimentos de forma clara e interativa. O rádio passa a ser um instrumento de comunicação, possibilitando ao ouvinte, como já revelara Gisela Swetlana Ortriwano, a experiência de sua principal característica - a sensorialidade:

(...) o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um “diálogo mental” com o emissor. Ao mesmo tempo, desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um (ORTRIWANO, 1985, p. 80).

Um programa sobre Música Popular Brasileira é determinado, em primeiro lugar, pelo ensinamento sobre o gênero, mas é o recurso da pauta que direcionará o ouvinte. Se a relação entre Ditadura Militar e MPB teve como símbolo a música *O Bêbado e a Equilibrista* de Aldir Blanc e João Bosco (1979), principalmente na interpretação de Elis Regina, é fundamental, ao comunicador, contextualizar aquele acontecimento. Neste caso, a relação entre a política e a música é revelada pelas passagens dos artistas nos chamados Anos de Chumbo. Da pesquisa junto aos arquivos aos depoimentos captados frente aos protagonistas, observa-se o enriquecimento do material produzido.

Deste material, surgirão janelas que permitirão inserir o ouvinte como sujeito no processo de comunicação. Zuculoto compartilha da ideia de uma proposta de abertura e ampliação do conteúdo educativo:

A programação educativa deve ser trabalhada num sentido mais amplo de educação. Não apenas como ensino institucional ou educação para ampliar o saber. Também necessita permitir que seus públicos se aproximem do conhecimento e sejam, igualmente, produtores de conhecimento. A faixa musical da programação igualmente precisa ter uma concepção mais alargada de cultura. Por exemplo, não colocar no ar somente agenda artístico-cultural ou notícias sobre as temáticas do setor e sim, entre outras iniciativas, promover a discussão e a produção sobre cultura a partir de suas audiências (ZUCULOTO, 2012, p. 234).

O jornalista e as emissoras educativas

O compromisso do jornalista que trabalha em instituições públicas difere pelo princípio de servir à comunidade. Assim, é possível aplicar alguns ensinamentos básicos como o da responsabilidade social (MEDINA, 1982). Esse pensamento revela que é permitido ao jornalista também ampliar a discussão em torno da pauta, como fizeram Beatriz Buschel Pasqualino e Ricardo Alexino Ferreira, respectivamente, quando da participação em eventos ou da promoção de debates com especialistas.

Além disso, o fato de continuarem os estudos em pós-graduação faz da curiosidade, explicitada pela pesquisa, um elemento fundamental para os profissionais que produzem programas diferenciados em termos de conteúdo. As discussões sobre assuntos complexos como a política e a ciência determinam uma condição específica, que é a de aproximar o conhecimento do público (BENJAMIN, 1996).

Nas emissoras educativas, o interesse passa a ser público (e não comercial), sendo uma condição que vai dirigir o cotidiano desses profissionais. Numa rádio universitária, além das rotinas relacionadas à construção da notícia, os jornalistas se propõem a auxiliar a comunidade acadêmica diante do ensino, da pesquisa e da extensão. O aprendizado é ampliado por meio de parcerias com os cursos de graduação em comunicação social - dos estágios à produção e transmissões de programas. O mesmo acontece com os demais membros da equipe, como os radialistas, os publicitários, os engenheiros, entre

outros, que trabalham com o propósito de seguir (e manter) as diretrizes culturais e educativas da emissora.

Fora das instituições de ensino, as emissoras educativas exercem um papel fundamental na construção da cidadania, oferecendo meios que auxiliam o público na interpretação de assuntos complexos, mas que fazem parte do cotidiano. Desta forma, é permitido ao leigo conhecer ciência e política, como nos casos estudados. Por meio de um viés educativo e cultural, diversos temas, que eram antes desconhecidos, começam a fomentar as discussões nos clubes, nos bares, nas casas, no trabalho, nas escolas e nos demais espaços de convivência.

Uma emissora educativa tem a função de produzir pautas que estimulem a reflexão e, por si, o saber. Assim, uma reportagem gera um tema para um programa de debates, que trará elementos para um Especial. A dinâmica da cobertura revela a capacidade da equipe de jornalismo em desenvolver programas diferenciados em termos de formato e conteúdo.

Questões relacionadas à memória (no caso, tortura e censura) e a ciência - como observado, particularmente nos programas analisados - demonstram que as linhas editoriais da EBC e da Rádio UNESP permitem a inserção de programas que discutem assuntos fora da agenda dos noticiários, tanto da própria emissora quanto das principais rádios. Ou seja, a necessidade da cobertura padronizada referente aos assuntos rotineiros, como é constituída a maioria das grades dos programas noticiosos, dificulta a cobertura dos assuntos de outras áreas e, por isso, as emissoras educativas existem, justamente para preencher o espaço deixado pelas rádios comerciais.

O trabalho desse jornalista envolve uma atenção especial à cobertura periódica, realizada pelo acompanhamento dos noticiários das demais emissoras. É possível conduzir as matérias rotineiras por ângulos ainda em aberto ou propor pautas inexploradas. Assim, devido à necessidade de ampliação da notícia, é permitido ao repórter propor novos produtos, que serão inseridos na programação da rádio. Ao ouvir as canções da resistência, as interpretações sobre o Golpe de 1964 e relação com a América Latina e a divulgação de pesquisas científicas, compreende-se a função do jornalismo nas emissoras públicas e educativas.

Também a manutenção e a recuperação de arquivos são maneiras de preservar a emissora, conduzindo-a como um espaço de interesse para pesquisadores. Da mesma forma, disponibilizar canais de integração (dos digitais às visitas na sede da emissora), oferecer cursos (oficinas, workshops, entre outros), participar de eventos, defender a importância dos meios de comunicações em instituições públicas também são atividades que reforçam a ideia de que os comunicadores, em particular os jornalistas, de uma emissora educativa são profissionais responsáveis e comprometidos para com o público.

Essa proposta vai além das tradicionais funções exercidas pelos jornalistas e, por isso, é uma oportunidade de mudança nas atuais características que compõem a formação dos comunicadores. A relação direta com a construção da notícia revela, atualmente, a condição de *produtor de conteúdo*, com a reportagem e o jornal sendo as bases do trabalho diário. Ao familiarizar o jornalista de rádio com o ensino (como no acompanhamento de estagiários, na produção de programas ou na oferta de atividades, como as oficinas), a extensão (ao levar e debater os assuntos cotidianos do jornalismo com as comunidades ou mesmo na participação e transmissão de eventos culturais) e a pesquisa (com a oportunidade de descobrir, recuperar, manter e ampliar o arquivo da rádio por meio de produção de programas especiais), a profissão de jornalista começa a ganhar um outro teor, inclusive com a possibilidade de novas ofertas de trabalho.

O trabalho docente começa a integrar o trabalho do jornalista, que poderá oferecer atividades didáticas ligadas à sua profissão, com a pós-graduação o preparando para o exercício da pesquisa e do ensino superior. Da mesma forma, o convívio com a comunidade o aproximará das reais necessidades da população, conduzindo-o à descoberta de novas formas de produção e condução das pautas diárias, assim como o auxiliará na participação direta nas discussões em torno de temas fundamentais.

Um outro ponto é que a profissão de jornalista alimenta o ideal de mudança e, por si, de conhecimento. Sendo assim, as rádios e as televisões educativas, em conjunto com as comunitárias, desde que utilizadas sem interesses políticos e econômicos, são os meios possíveis e existentes para as transformações sociais no Brasil, por meio da educação e da cultura.

Um relato de Vera Regina Roquette-Pinto sobre o avô, Edgar Roquette-Pinto, considerado o *Pai do Rádio no Brasil*, ainda emociona e deveria ser seguido pelos comunicadores que lutam e ainda sonham com um país melhor:

Roquette-Pinto estava muito doente quando a televisão foi inaugurada no Brasil. Eu era uma adolescente e fui visitá-lo. Naquela época poucos tinham televisão, mas ele tinha uma enorme no seu quarto e, apontando para a TV, disse: "Olha, minha querida, que belo meio para educar o nosso povo" (2002-2003, p. 15).

Considerações finais

As experiências coordenadas por Beatriz Buschel Pasqualino e Ricardo Alexino Ferreira, respectivamente na EBC e na Rádio UNESP FM, demonstram que é fundamental ao jornalista planejar a produção em torno do desenvolvimento da pauta. Para tanto, a qualidade do produto midiático depende também do comprometimento do comunicador.

No caso dos programas noticiosos, fica a lembrança de Zita de Andrade Lima, explicitada no título do livro *Princípios e Técnica de Radiojornalismo* (1970), mas o processo vai além, com a pesquisa determinando as fases da coleta e da seleção de dados. Do geral à especificidade, o trabalho do repórter é conduzido, por exemplo, pela discussão da área (como a da ciência) diante das causas (como as sócio-ambientais). Assim é possível ampliar a discussão, permitindo ao ouvinte conhecer o assunto dentro de uma linha de raciocínio.

O debate em torno da pauta acontece no eclodir do fato, com o repórter utilizando os recursos disponíveis (os entrevistados, o livro, o conhecimento prévio, a tecnologia etc.) para a escolha dos elementos que irão compor a matéria do programa. Desta forma, a montagem segue o rigor jornalístico como forma de transmissão do saber, com a pauta a conduzir o processo, sem a atual máscara observada nos produtos noticiários.

A utilização desenfreada de elementos como a música, os efeitos, os arquivos, entre outros, amparados pelos conceitos de linguagem radiofônica (BELSEBRE, 2005), trouxe, quando inseridos sem critérios, uma falsa ideia de interpretação. Deixa-se de selecionar as principais informações em favor da

plástica, ilustrando a notícia com áudios, muitas vezes, fora de contexto, mas que trazem um resultado positivo (aos ouvidos) em termos de edição.

A construção da notícia (ALSINA, 1993) depende do equilíbrio desses elementos. Com atenção e muito estudo, o repórter desenvolve relatos antes desconhecidos, possibilitando ao público o acesso a determinados detalhes que o possibilitarão desenvolver futuros diálogos no cotidiano. Ao discutir a divulgação científica, o professor Ricardo Alexino Ferreira⁸³ revela alguns elementos fundamentais para a preparação contínua do comunicador e que, além disso, podem ser aplicados nas diversas áreas de cobertura jornalística.

O comunicador contemporâneo olha além das coisas e consegue ver o outro como sujeito e não apenas como objetivo. O comunicador é a pessoa que consegue ressignificar, ampliando o repertório com a intenção de fazer propostas, como um narrador ativo e não passivo, à frente dos acontecimentos e não a reboque dele, sempre inquietado, inquietante. (ALEXINO, 2014).

Referências

ALSINA, Miquel Rodrigo. **La construcción de la noticia**. 2. ed. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós Comunicación, 1993.

BENJAMIN, Walter. O que os alemães liam enquanto seus clássicos escreviam. In: BOLLE, Willi (Org.). **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1996, p. 66-84.

_____. Dois tipos de popularidade: observações básicas sobre uma radiopeça. In: **Documentos de cultura, documentos de barbárie**: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1996, p. 85-86.

BELSEBRE, Armand. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, Eduardo (Org.). **Teorias do rádio**. Florianópolis: Insular, 2005, p. 327-336.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Ciência em debate: o jornalismo científico nas ondas do rádio. In: **Comunicação & Educação**. São Paulo: ECA-USP, p. 81-86, 1999. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36883>>. Acesso em: 25 maio 2015.

_____. **Olhares negros**: estudo da percepção crítica de afro-descendentes sobre a imprensa e outros meios de comunicação. 2001. Tese (Doutorado) - ECA/USP, São Paulo, 2001.

_____. **A representação do negro em jornais no centenário da abolição da escravatura no Brasil**. 1993. Dissertação (Mestrado) - ECA/USP, São Paulo, 1993.

⁸³ <https://soundcloud.com/osegundoregistro/entrevista-com-o-jornalista-e-doutor-em-ciencias-da-comunicacao-ricardo-alexino> Acesso em 27 de março de 2015.

_____. **Entrevista concedida a Rômulo Araújo** para o portal Segundo Registro. Manaus, 17 maio 2014. Disponível em: <<https://soundcloud.com/osegundoregistro/entrevista-com-o-jornalista-e-doutor-em-ciencias-da-comunicacao-ricardo-alexino>>. Acesso em: 25 maio 2015.

LIMA, Zita de Andrade. **Radiojornalismo**: princípios e técnica. Brasília: Icinform, 1970.

MEDINA, Cremilda Celeste de Araújo. **Profissão jornalista**: responsabilidade social. São Paulo: Forense Universitária, 1982.

MORAES JÚNIOR. **Formação de jornalistas** – elementos para uma pedagogia de ensino do interesse público. São Paulo, Annablume, 2013.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio**: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PASQUALINO, Beatriz Buschel. **Revolução no ar**: o rádio como arma de guerrilha do Exército Rebelde de Cuba. 2015. Dissertação (Mestrado) – Unicamp, Campinas, 2015.

ROQUETE-PINTO, Vera Regina. Roquette-Pinto, o rádio e o cinema educativos. In: **Revista USP**. São Paulo: USP-CCS, p. 10-15, 2002/2003. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/56/02-veraregina.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2015.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **A programação de rádios públicas brasileiras**. Florianópolis: Insular, 2012.

Internet:

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-11/radioagencia-Nacional-ganha-premio-libero-badaro-de-jornalismo>

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4723211A7#OutrasProducoesArtisticas>

<http://www.ebc.com.br/>

<http://www.ebc.com.br/cancoes-da-resistencia>

<http://www.mc.gov.br/radiodifusao-educativa>

<http://radioagencianacional.ebc.com.br/internacional/audio/2014-04/especial-mostra-ditadura-no-brasil-pelo-olhar-de-latino-americanos>

<http://radioteca.net/audio/5-unesp-ciencia-radio-unesp-bauru/>

<http://www.radio.unesp.br/>

<http://www.radio.usp.br/>

<http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36883/39605>

<http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36883/39605>

<https://soundcloud.com/osegundoregistro/entrevista-com-o-jornalista-e-doutor-em-ciencias-da-comunicacao-ricardo-alexino>

<http://www.usp.br/cje/tv/>